

INTRODUÇÃO:

A PANDEMIA E OS DESAFIOS DOS SINDICATOS*

Ricardo Antunes¹

Caroline Oliveira: *Qual é a condição, como e onde se encontra o movimento sindical hoje, diante de investidas neoliberais, pandemia e todas essas transformações?*

Ricardo Antunes: O sindicalismo brasileiro vive uma situação profundamente crítica porque vem de um processo de corrosão do trabalho, precarização, individualização, flexibilização, desregulamentação da legislação – no caso o desmonte da CLT –, enfraquecimento da Justiça do Trabalho, restrição da atuação financeira dos sindicatos, mutação tecnológica profunda na era das tecnologias de informação e comunicação. Todo esse quadro econômico e social acaba desembocando na crise sindical atual.

Por exemplo, nós temos mais de cinco milhões de empregos que foram criados nos últimos anos, no âmbito do trabalho uberizado: trabalhadores e trabalhadoras da Uber, Uber Eats, Amazon, Cabify, 99, Rappi, iFood, etc. Recentemente saíram as informações do IBGE) que mostram que 40% da classe trabalhadora está na informalidade, são mais de 40 milhões de pessoas. Nós temos um desemprego aberto oficial de quase 13 milhões. São dados do início da pandemia e esse quadro se intensifica sobremaneira, a cada período, com a tragédia do novo coronavírus.

Sem falar da situação politicamente desastrosa que se iniciou com o golpe e o início da contrarrevolução do período de Michel Temer e a sua continuidade no período de Bolsonaro. Sendo que Bolsonaro é

*DOI – 10.29388/978-65-86678-07-9-0-f.19-26

¹ Entrevista inédita concedida por Ricardo Antunes à Caroline Oliveira, repórter de “Brasil de Fato” em 30 de abril de 2020. Nossos agradecimentos ao Prof. Ricardo Antunes por nos facultar a publicação.

muito mais agressivo, tanto politicamente, quanto em relação à política econômica do neoliberalismo primitivo de Paulo Guedes, que é muito agressiva, além de atacar duramente os sindicatos.

A dificuldade maior, então, dos sindicatos, para sintetizar essa primeira questão, decorre das mudanças estruturais da economia, da nova morfologia do trabalho, o novo desenho da classe trabalhadora, com uma massa imensa na informalidade e uberizada, a qual os sindicatos sempre tiveram enorme dificuldade em representar. E tudo isso em um quadro político de agressão típica de uma autocracia tutelada, com traços fascizantes na figura do governo. Este quadro compõe uma situação muito difícil.

Caroline Oliveira: *Agora, o senhor citou essa condição política para além dessas questões mais estruturais. O senhor poderia me falar mais dessa política que desemboca também nessa mudança para o movimento sindical?*

Ricardo Antunes: Primeira evidência disso: o governo ultraconservador de Michel Temer, e principalmente o de Jair Bolsonaro, com seus traços autocráticos, começaram a buscar os novos caminhos para tentar aniquilar os sindicatos. E o principal caminho para levar a essa desorganização completa foi quebrar os apoios financeiros que os sindicatos recebiam via imposto sindical ou taxas sindicais, de modo que os recursos não entrem mais nos sindicatos.

Deixo de lado aqui um ponto importante, que foi o equívoco cometido por muitos sindicatos que acreditaram que o imposto sindical poderia ser eterno ou que essa herança do nosso sindicalismo de Estado pudesse ser perpétua. E nós estamos vendo que não é.

Essa é primeira medida, a atrofia financeira dos sindicatos, num momento onde o governo Bolsonaro se utiliza de um pensamento reacionário e neoliberal que sintetiza no seguinte: Friedrich Hayek já dizia, no seu livro "O Caminho da Servidão", que é uma espécie de bíblia do neoliberalismo, que os sindicatos são um entrave para o capitalismo

do tipo neoliberal. E se os sindicatos são um entrave para o capitalismo, é importante *destruí-los*, ou torná-los *patronais* ou *dóceis*. Quando o sindicato é de classe, a proposta é destruir.

A vitória eleitoral do Bolsonaro configurou, no quadro brasileiro, um país que oscila entre o que ainda resta de formalidade democrática e um governo, comandado por um presidente que é autocrático e ditatorial na sua proposição, e por uma política econômica devastadora que joga para a informalidade parcelas e mais parcelas da classe trabalhadora.

Então veja a situação política que nós temos hoje: um governo que, se depender dele, quer aniquilar os sindicatos e isto coloca, aos sindicatos, um desafio profundo. Governo que, se puder, quer eliminar até mesmo a Justiça do Trabalho, que é um órgão do Estado, do Poder Judiciário.

Assim, os desafios para os sindicatos de classe são inúmeros. Primeiro, eles têm que melhor compreender quem é esta classe trabalhadora que eles representam ou querem representar hoje. Depois, têm de ampliar, ou seja, os sindicatos precisam aprender a representar trabalhadores celetistas e não celetistas, trabalhadores/as terceirizados, intermitentes, da informalidade. Percebe-se, por exemplo, que começam a surgir sindicatos ou associações de motoristas de aplicativos, alguns sindicatos ou associações de trabalhadores de motos que entregam alimentos por aplicativos. Assim, os sindicatos têm que se reinventar para passar a representar esses trabalhadores e essas trabalhadoras.

Nós temos em um momento do mundo em que a crise é profunda. Já sobre o coronavírus, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) informou, recentemente, em fins de abril, que já tínhamos 1.6 bilhão de trabalhadores na informalidade no mundo, viver em condições cada vez mais devastadas e muito piores do que as anteriores à pandemia. Como a recessão vai ser brutal no mundo este ano, em cima de quem as classes burguesas jogarão essa recessão? Nos ombros da classe trabalhadora.

Não adianta, então, querer manter um *sindicato de conciliação de classes*. O desafio de todo sindicato é ampliar seus laços de classe e lutar para *reinventar um novo modo de vida*: que trabalho nós queremos? Que atividade e que produção faz sentido para a humanidade que trabalha? Que *modo de vida* defendemos?

Caroline Oliveira: *A partir desse cenário, como o movimento sindical deve agir?*

Ricardo Antunes: *Primeiro, deve lutar por um conjunto de questões imediatas e inegociáveis: renda emergencial para todos os trabalhadores desempregados e que estão na informalidade. Não tem bilhões e até trilhões de reais para apoiar o sistema financeiro? Agora é a hora de ter um salário emergencial para toda a classe trabalhadora na informalidade e desempregada.*

Aquelas pequenas e médias, que são milhares e empregam um número grande de trabalhadores e que estão momentaneamente paralisadas, só terão apoio do governo sob a condição de não gerar nenhuma demissão. É a exigência dos sindicatos, lutar por isso.

Os sindicatos devem urgentemente começar a fazer uma campanha mais profunda, junto com a miríade de movimentos sociais e das periferias, com essa bandeira: *não é mais possível aceitar mais nenhum trabalho na informalidade*. Se existem 40 milhões de trabalhadores na informalidade hoje, são 40 milhões de candidatos à letalidade da pandemia do capitalismo, ou seja, são trabalhadores que acabarão morrendo. Não é possível, R\$ 600,00 é uma vergonha, é uma proposta indigna, e já sabemos que esse dinheiro não está chegando para muitos/as trabalhadores/as. Com R\$ 600,00 não dá para alugar um quarto com banheiro e cozinha na periferia, custa mais que isso. Como é que vai comer? Comprar remédios? Ter uma vida minimamente digna? Então, devem desenvolver uma *ampla campanha contra o trabalho informal*.

Outra proposta imediata: como temos uma burguesia muito rica, é preciso avançar na taxaçoão dos lucros das grandes empresas; na taxaçoão do lucro dos bancos – com crise, sem crise, com pandemia, sem pandemia, o relógio bancário não para de rodar – além de taxar as grandes fortunas.

Mas há ainda um segundo bloco de questões. Os sindicatos de classe precisam dar um salto qualitativo em suas ações e propostas. É premente que participem da luta para *reinventar um novo modo de vida*. Por exemplo, em plena pandemia, o mundo hoje nos obriga a uma decisão: defender a vida ou o lucro? O sistema do lucro gerou a pandemia, e esta vem gerando a letalidade especialmente no interior da classe trabalhadora. A pandemia é letal.

Devemos caminhar em direção a um *sistema de metabolismo social* onde a vida seja prioritária e valorizada.

Vou dar dois exemplos concretos: no mundo de hoje, muitos milhões trabalham até mais de 12, 14 horas por dia, e outros tantos milhões não têm nem menos uma hora de trabalho por semana, estão desempregados. Não é difícil perceber, como estamos vendo durante a pandemia, que muitos trabalhadores/as estão em isolamento, pois as empresas estão fechadas.

Isso porque os trabalhos que estão em atividade são aqueles considerados essenciais.

Temos aqui, então, o esboço do desenho de uma nova sociedade: o trabalho supérfluo tem de ser eliminado. O que é injusto é alguns milhões trabalharem em jornadas de 12, 14 horas e outros tantos milhões não terem trabalho nenhum e não receberem.

Então é necessário reduzir o tempo de trabalho para produzir bens essencialmente úteis.

Aqui é preciso fazer uma pequena digressão: a pandemia é resultante do *sistema de metabolismo antissocial do capital* que é destrutivo. A epidemia não é uma tragédia da natureza. Meio ambiente destruído, água contaminada, agronegócio destruindo o mundo da produção

familiar, devastação das matas, queimadas, extração mineral. A pandemia é uma consequência dessa tragédia.

Uma sociedade global que tem centenas de milhões de desempregados. O rombo na economia francesa, em abril de 2020, está acima de 4%; o desemprego previsto nos Estados Unidos é de 20%. Você pode imaginar que mundo sairá disso? Não vai ter salário, trabalho, alimentação, saúde e nem vida digna para uma parte importante da classe trabalhadora.

Assim, é hora de mudar para um mundo com trabalho dotado de sentido, com uma natureza dotada de sentido, onde exista *liberdade substantiva* entre homens e mulheres, entre os gêneros, sem racismo, xenofobia, sexismo, sem todas essas tragédias.

Nós não temos uma crise desta desde 1918, quando houve a gripe espanhola. E agora? Onde estão os empreendedores que acreditaram que de um dia do outro de desempregados viraram empresários? Estão sem produção, sem renda e sem recursos. O mito ruiu.

Caroline Oliveira: *A pandemia expõe também todas essas contradições do neoliberalismo.*

Ricardo Antunes: Isso, sem produção, sem trabalho, sem salário, sem o que vai ser previdência, sem saúde pública etc. Então os sindicatos estão obrigados a fazer um pouco o que os movimentos sociais sabem fazer: quais são as *questões vitais do nosso tempo*. Porque o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) tem força mesmo com todas as dificuldades que apresenta? Porque trata de uma questão vital: terra, trabalho e vida. O MTST luta por teto, condição mínima para uma vida digna. Porque as comunidades indígenas são vitais? Porque elas tratam de uma questão vital, a vida indígena é comunal, é uma vida onde o individualismo da mercadoria e do mundo burguês não têm vigência.

Nós temos de resgatar esses valores e pensar em um século XXI que não seja a expressão da lógica destrutiva e neoliberal. Isso é tarefa de

todos, partidos de esquerda, movimentos sociais, sindicatos, liderança crítica, pensamento crítico. Todos colocamos a nossa energia para pensar outro modo de vida ou nós vamos para uma vala coletiva, cujo coveiro – não no sentido autêntico, porque coveiro é uma profissão digna e dura – é quem dirige de modo genocida o país. Nós estamos perto de caminhar para um cemitério coletivo.

E isso, como disse antes, se sintetiza em um dilema crucial do nosso tempo: a vida ou o lucro? O lucro tem solapado a vida. Qual vantagem traz para a humanidade os lucros do sistema financeiro? Qual vantagem traz para a humanidade o lucro de grandes corporações que dominam a produção industrial e armamentista?

Vocês conhecem empresa informal, que existe, mas não é reconhecida? Não, a empresa é reconhecida e tem os direitos de ser empresa. Porque os trabalhadores e as trabalhadoras não têm direitos? Cerca de 3, 4% da população tem o controle da riqueza mundial. Seis grandes empresários brasileiros ganham o que ganham o que ganham cem milhões de trabalhadores e trabalhadoras. É razoável esse modo destrutivo de vida?

Há muitos movimentos sociais, sindicatos de classe, partidos de esquerda, movimentos da periferia, há uma revolução feminista em curso muito importante com as mulheres contra a dominação patriarcal e também contra o capitalismo. Nós temos de lutar a partir de todos os espaços possíveis e os sindicais de classe também.

Se o sindicato não está mais acostumado a fazer isso, então está na hora de começar. Sabe por quê? Porque nos sindicatos do passado, discutia-se em que mundo a classe trabalhadora queria viver. Nós estamos comemorando o 1º de maio de 2020, e vai ser o pior 1º de maio provavelmente desde a segunda ou primeira guerra mundial, desde a gripe espanhola. Os sindicatos do passado, anarquistas, comunistas, socialistas discutiam que mundo queriam viver. As igrejas de esquerda, que foram tão importantes no Brasil nos anos 70 e 80, discutiam em que mundo queriam viver, como foi o caso da teologia da libertação.

As nossas esquerdas abandonaram a discussão de que mundo nós queremos. Chega de consertar o capitalismo, que é um sistema destrutivo, expansionista, incontrolável, e agora está mostrando também que é um sistema letal. O capitalismo é pandêmico. É isso que nós queremos? Tapar um buraco aqui, colocar uma novalgina aqui e uma aspirina acolá? Não dá mais.